

## Transatlântico



Por RICARDO PAGLIUSO REGATIERI\*

*Comentário sobre a série produzida pela Netflix*

*Transatlântico* é uma série produzida pela Netflix e pelo Studio Airlift de Berlim que estreou na plataforma de streaming no início deste mês de abril. Baseada no livro *The Flight Portfolio* (2019), de Julie Orringer, teve à frente de sua produção a norte-americana de origem judia Anna Winger, que vive em Berlim.

A série acompanha refugiados europeus do nazismo que se encontram na cidade portuária francesa de Marselha buscando tomar um barco que os leve para longe daquele continente – e, sobretudo, para os Estados Unidos. Ou, senão, ao menos cruzar a fronteira espanhola por terra e chegar a Lisboa para fazer o mesmo de lá.

O ano é 1940 e está em vigor o regime colaboracionista de Vichy, ainda que o sul da França, onde se localiza Marselha, não estivesse ainda ocupado pelas tropas alemãs como era o caso do restante do país. É nessa França ocupada e nessa Marselha ainda não totalmente sob controle nazista que *Transatlântico* coloca em cena personagens como Walter Benjamin, Hannah Arendt, Marc Chagall, Marcel Duchamp, André Breton, Jacqueline Lamba, Max Ernst, Walter Mehring e Albert Hirschman.

Para leitores de Walter Benjamin, custa a acreditar vê-lo na Netflix, ainda que, por outro lado, seja justamente esse tipo de movimento de apropriação que a indústria cultural leva a cabo incessantemente. Leitores de Hannah Arendt já haviam visto no filme sobre ela lançado em 2012 e que obteve algum sucesso em circuitos semicomerciais de cinema.<sup>[i]</sup> Walter Benjamin e Hannah Arendt são retratados na série de forma caricata, ele falando sobre progresso e ela sobre apatridia.

Albert Hirschman, na altura um jovem de 25 anos, é um dos três personagens centrais que articulam a trama, juntamente com Mary Jayne Gold e Varian Fry, esses dois últimos norte-americanos representantes do *American Emergency Rescue Committee*. Personagem com ares de herói pop, o impetuoso Albert Hirschman ainda não é aquele que mais tarde trabalhará na Colômbia, fará carreira acadêmica nos Estados Unidos, discutirá temas de economia do desenvolvimento, será o propositor da abordagem do possibilismo e contribuirá para o debate sobre democracia, ganhando um centro com seu nome em Genebra.<sup>[ii]</sup>

Diferentemente de Gold e Fry, comprometidos com a causa dos refugiados, o pragmático cônsul norte-americano em Marselha encara a guerra como *business as usual* e considera que os nazistas, ao contrário dos comunistas, ao menos não são contra o mercado.

A despeito de sua estilização que não foge ao padrão comercial da Netflix, a série, que com apenas sete episódios pode agradar àqueles que não gostam desse formato, tem o mérito de colocar um público mais amplo em contato com figuras como Walter Benjamin e Hannah Arendt e o drama de sua fuga do nacional-socialismo. *Transatlântico* também joga alguma luz sobre o papel dúbio do governo e de indivíduos norte-americanos no período – ainda que a figura do cônsul na série,

# a terra é redonda

Graham Patterson, seja uma personagem fictícia.

Mas talvez a questão menos explorada até agora nas telas tenha sido o papel dos filhos das ex-colônias francesas na organização do que viria a se tornar a Resistência Francesa. Só por retratar tal conexão, já valeria assistir *Transatlântico*. O que veio depois, com o imperialismo europeu em frangalhos ao final da Segunda Guerra Mundial, foi o fortalecimento da consciência anticolonial e as independências das novas nações em África e na Ásia.

O emblema de tal consciência na série é a personagem ficcional Paul Kandjo, que, segundo o ator que deu vida a ela, Ralph Amoussou, foi composta como um amálgama de figuras históricas. Em certo momento, Kandjo afirma que o nazismo representa a colocação em prática na Europa daquilo que os europeus faziam nas colônias. Tal conclusão aparecerá, no início da década de 1950, em obras como *Discurso sobre o colonialismo* (1950), de Aimé Césaire, e *As origens do totalitarismo* (1951), de Hannah Arendt.

Hitler queria construir um império de 1.000 anos, mas, como as pessoas não fazem a história como querem, a guerra que seu regime desencadeou acabou por contribuir decisivamente para a dissolução do imperialismo europeu.

\***Ricardo Pagliuso Regatieri** é professor de sociologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Autor, entre outros livros, Capitalismo sem peias: A crítica da dominação nos debates no Instituto de Pesquisa Social no início da década de 1940 e na elaboração da Dialética do Esclarecimento (*Humanitas*).

## Notas

[i] O filme em questão é *Hannah Arendt*, dirigido por Margarethe von Trotta.

[ii] Trata-se do *Albert Hirschman Centre on Democracy*, vinculado ao *Graduate Institute of International and Development Studies*, e atualmente codirigido pela socióloga brasileira Graziella Moraes Dias da Silva e pelo historiador indiano Gopalan Balachandran.

**O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

[Clique aqui e veja como](#)